

NOVO HAMBURGO

FALA, GALERA

#13



A profe Eliana com as crianças das faixas etárias 4 e 5

Trajетória das mulheres negras na Emei João Vidal Campanhoni

Diante de tantos casos de violência contra a mulher registrados no Estado desde o início do ano, a professora Eliana Alves, da Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) João Vida Campanhoni, no bairro Rondônia, não pensou duas vezes em trabalhar este assunto em sala de aula. Mas como ensinar o respeito às mulheres com crianças tão pequenas?

A solução encontrada pela educadora foi trabalhar a trajetória de mulheres de destaque da nossa história de forma lúdica, dentro da estrutura do programa de Educação para Relações Étnico-Raciais, o EREER.

Foi assim que ela apresentou aos pequenos a Dandara de Palmares, esposa do Zumbi de Palmares. “Muito falamos sobre o Zumbi, mas a Dandara foi muito importante nesta luta contra a escravidão”, ressalta a professora. Tanto é que a história da Dandara está na pon-



A pequena Sofia faz questão de contar a história da Dandara

ta da língua das crianças.

Mas em época de Copa do Mundo, outra mulher negra foi destaque na turma. A jogadora Marta, seis vezes eleita a melhor do mundo, também foi tema de pesquisa e mostrou que futebol não é só “coisa de homem”.

Mas a valorização da trajetória feminina não vai parar por aí. O próximo passo, segundo a educadora, é apresentar para as crianças a história de uma mulher indígena.



Alunos aprenderam sobre a mulher negra no futebol

Na Elivira Brandi Grin, a adolescência tem espaço de escuta



Grupo de Adolescentes é no contraturno escolar

Até então, a Escola Municipal de Educação Básica (Emeb) Elvira Brandi Grin, no bairro Rondônia, era conhecida como uma “escola de crianças”. Isso porque, tradicionalmente, atendia os Anos Iniciais. No entanto, a partir de agora, a escola começou a receber também “os maiores” do 7º Ano. E, para 2027, já está confirmada uma turma de 8º Ano. “Com isso, começamos a perceber a necessidade de um olhar mais atento para a adolescência, para essa etapa tão complexa”, explica a orientadora escolar Danieli Ganassini da Silva.

Foi assim que surgiu o Grupo de Adolescentes da Elvira, uma proposta no contraturno para que os alunos possam falar suas demandas, angústias e serem ouvidos sem julgamentos. A participação é livre e os encontros ocorrem uma vez por semana — e tem adolescente que espera ansioso pelo dia do grupo.



Gestão das emoções e autoconhecimento faz parte das atividades

Segundo Danieli, a ideia é ser um espaço seguro para que eles possam dividir as suas aflições. “Os adolescentes têm uma necessidade grande de falar e serem ouvidos. E isso nem sempre é possível em casa ou em outros grupos de convívio”, explica a orientadora.

Nos encontros, são trabalhadas as emoções e os sentimentos, permitindo que eles se conheçam e consigam lidar com as situações do dia a dia de forma mais segura.



A orientadora Danieli com os alunos dos 6º e 7º Anos

FOTOS FRANCINE SILVA/ESPECIAL



Os bebês sentam à mesa na hora das refeições

A autonomia dos bebês na hora de comer na Emei João de Barro

Uma mesa posta para bebês. Isso mesmo! Na Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) João de Barro, no bairro Rondônia, os bebês da Faixa Etária Zero que já conseguem sentar e caminhar fazem as refeições à mesa, inclusive manuseando utensílios e os próprios alimentos — claro que sempre acompanhados e assessorados de perto pelas professoras.

Isso porque, na escola, a autonomia dos bebês é incentivada desde cedo. Por lá, os bebês que já têm a marcha bem desenvolvida são convidados a ir caminhando até o local das refeições, escolher qual cadeira vão sentar e protagonizar o momento do comer. “É uma forma deles serem os protagonistas da sua refeição, podendo escolher entre os alimentos ofertados, compreendendo o processo”, explica a coordenadora pedagógica Alexandra Bittencourt.

De acordo com a professora Aline Oliveira Fa-



O processo de autonomia já começa no caminho para o refeitório

ria, o refeitório é planejado como um ambiente de bem-estar global, onde a organização do espaço e dos materiais comunica diretamente a concepção de criança como sujeito ativo e competente. “Mais do que um momento de nutrição fisiológica, as refeições são tratadas como Atividades de Atenção Pessoal, momentos privilegiados de diálogo, intimidade e construção de vínculos entre professor e bebê”, destaca.



Alimentos são ofertados e as crianças podem escolher